

RESENHA

Mãe Natureza – uma visão feminina da evolução: Maternidade, filhos e seleção natural

Vera Silvia Raad Bussab

Universidade de São Paulo

Livro: Hrdy, Sarah Blaffer. (1999/2001). *Mãe Natureza – uma visão feminina da evolução: maternidade e seleção natural*. Rio de Janeiro: Editora Campos. Trad. de Álvaro Cabral.

Ao refletir o universo feminino através de lentes evolutivas e comparativas, com profundidade milhões de anos mais extensa do que nas análises mais habituais, Sarah Blaffer Hrdy lança um novo olhar nas investigações transculturais e históricas e permite novas compreensões sobre as questões mais pungentes das mulheres contemporâneas. Trata-se de uma mulher escrevendo sobre a evolução das mulheres: até recentemente, fato duplamente raro. Analisa o legado emocional feminino e a contrapartida masculina, por termos nascido como nascemos e por vivermos como vivemos.

Muitos são os dilemas das mulheres contemporâneas, entre eles, a ambivalência maternal, necessidades infantis e sexualidade feminina. Controle de natalidade, precauções contra doenças sexualmente transmissíveis, educação sexual e oportunidades profissionais para as mulheres vieram para ficar. Estas conquistas precisam, segundo a autora, ser protegidas das velhas tensões, que podem reaparecer a qualquer momento. Pensamos que estas práticas merecem, antes de tudo, ser compreendidas à luz das inevitáveis tensões a elas associadas, que não estão nada ausentes pois estão enraizadas em nossa natureza.

Toda conquista tem preços. Quanto à maternidade, costumamos nos perguntar como criar filhos emocionalmente saudáveis e ao mesmo tempo garantir vidas e carreiras próprias? Não é por acaso que mães que trabalham fora por opção sintam-se mais em conflito do que as que não têm outra alternativa; seja como for, muitas mulheres de hoje trabalham fora. É claro que o conceito “opção” está aqui apresentado em sentido restrito, o que mereceria discussão à parte.

Durante trinta anos a autora realizou investigações em sete países, pesquisando as fontes mais variadas, como últimas vontades e testamentos, documentos de orfanatos e lares para crianças abandonadas, contos populares e assim por diante, passando a entender em que medida podem ser flexíveis as emoções parentais

em seres humanos. Associou esta pesquisa à sua experiência notável como primatologista, a um conhecimento amplo da natureza, a um raciocínio perspicaz e a um estilo leve, divertido e provocativo, produzindo uma obra informativa, agradável e instigante. Mais valem as portas que são abertas do que qualquer fechamento de questão. Proponho, então, um pequeno passeio pela vigorosa leitura, no sentido de permitir o vislumbre de algumas frestas.

São apontadas, com clareza, as dificuldades de se estudar desapaixonadamente assuntos relacionados à sexualidade feminina e à maternidade, talvez como quaisquer outros, a nosso ver. Segundo Hrdy, é como se tivéssemos um comportamento primitivo, quando tratamos de questões ligadas ao sistema reprodutor feminino. O debate em torno do aborto em geral produz muita discussão acalorada e pouca informação esclarecedora. Percebe-se um pouco a feminista, embora sempre suplantada pela pesquisadora.

Viéses masculinos em geral e dos evolucionistas em particular são tratados, com a vantagem da recuperação da perspectiva: o bebê não é jogado fora junto com a água do banho, como tantas vezes se faz ao se deparar com erros associados a determinadas teorias.

As circunstâncias contemporâneas associadas à maternidade nunca foram tão diferentes. Contudo, é demonstrada de modo perspicaz uma constância nem sempre bem percebida: nos diferentes tempos e lugares, as mulheres sempre tiveram de administrar subsistência, sexualidade e maternidade, de alguma maneira.

As tensões subjacentes entre os impulsos masculinos, divididos entre a qualidade e a quantidade, e os impulsos femininos em obter qualidade, são tão antigas quanto a humanidade. Entretanto, vieram à tona de um modo muito intenso nas circunstâncias ecológicas do mundo moderno, no qual as mulheres dispõem de escolhas sem

precedentes. Colocadas diante da opção entre melhorar sua situação profissional ou ter filhos, tendem a optar pela primeira. Há uma tendência mundial de menor taxa de natalidade associada a melhor situação financeira, ligada a carreiras profissionais bem desenvolvidas: a maioria absoluta destas mulheres não tem filhos; exatamente o oposto ocorre com os homens.

Preocupações relacionadas aos conflitos psicológicos da vida moderna de homens e de mulheres têm se refletido em trabalhos acadêmicos e na veiculação destes nos meios de divulgação. Novos conhecimentos psicológicos, às vezes, parecem, numa primeira análise, alimentar preocupações adicionais. Por exemplo, como decorrência da teoria de apego de John Bowlby (1984 a, b), que demonstra ser a vinculação afetiva uma necessidade primária, segundo a visão das feministas, para cada bebê apegado haveria uma mulher acorrentada, o que levou a uma rejeição geral da teoria de determinação biológica. Neste encaixe, evidências de maus-tratos e abandono foram usadas para derrubar as noções de instinto materno. Mas esta história não é tão simples e merece novos exames. Nas palavras de Hrdy, quando não é possível desarmar uma mina, há vantagem, pelo menos, em saber onde ela está enterrada.

A construção de uma visão mais completa da maternidade vai sendo elaborada no livro, de um modo muito informativo, a partir de estudos de mães de outras espécies, na natureza. Assim como nas noções de senso comum, na ciência, partiu-se de uma visão mais restrita. O comportamento maternal começou a ser estudado experimentalmente em laboratório, isoladamente das demais questões relevantes da vida destes animais. Davis Lack foi citado como o primeiro “ecologista reprodutivo”: estudando aves, demonstrou que as mães administram seu esforço reprodutivo de modo a tirar melhor proveito de suas circunstâncias particulares. Conceberam-se novos modelos para o estudo do comportamento maternal.

Uma estratégia reprodutiva das aves parece corresponder a estes ajustes: os ovos são postos em dias diferentes e os primeiros a eclodir são relativamente mais desenvolvidos que os demais. Em caso de escassez de alimento, os mais novos e mais fracos sucumbem na disputa. Caldwell Hahn interferiu produzindo ninhadas com ovos igualados por idade ou no padrão convencional. Constatou maior probabilidade de perda de todo o esforço reprodutivo no caso das ninhadas igualadas por idade, o que indica o valor adaptativo do arranjo típico da espécie. Em outras palavras, tal estratégia permite ajuste do tamanho da ninhada à oferta de recursos, garantindo o

sucesso evolutivo máximo em cada situação, da escassez à fartura.

Em termos de estudos comparativos, também heurística foi a constatação de interesses, não necessariamente coincidentes, das mães e dos pais. O infanticídio foi descrito para 35 espécies pertencentes a 16 diferentes gêneros de primatas. Entre os macacos lãngures detalhadamente estudados pela autora, os bebês só eram atacados por machos estranhos adultos que haviam expulsado os antigos machos do bando; nunca por machos com probabilidade de serem seus pais. Depois do infanticídio, a fêmea retoma mais rapidamente o ciclo reprodutivo. Constatou-se pressão seletiva não imaginada antes: comprimir a carreira reprodutiva da mãe ao período relativamente curto em que aquele macho pode estar com ela. Por sua vez, fêmeas lãngures, também parecem ter desenvolvido uma contra-estratégia: mesmo grávidas, copulam com machos errantes, ampliando a perspectiva de futura sobrevivência da prole caso estes indivíduos venham a ser futuros invasores, pois relações passadas com determinado macho aumentam sua tolerância com as respectivas crias. Estas fêmeas poderiam estar sendo vistas como promíscuas, pela ótica das restrições impostas pelos machos de seu bando; das suas próprias perspectivas, podem ser compreendidas como “assiduamente maternais”, pois estão fazendo tudo o que podem para assegurar a sobrevivência da prole.

Outro ponto notável é a constante troca entre crescer e sustentar-se, por um lado, e esforço reprodutivo, por outro. Compreender a desigualdade de investimentos parentais entre machos e fêmeas tornou-se uma chave para a compreensão da seleção sexual (Trivers, 1972). Quando um sexo investe muito mais que o outro, o segundo compete entre si. Quando um sexo investe mais, mas depende também do investimento do outro, fica sujeito à deserção. Nos dois casos, ganha força a escolha feminina, talvez especialmente no segundo.

Outro fator que adiciona complexidade à compreensão do papel feminino, oriundo dos estudos de comportamento animal, trazido por Hrdy, diz respeito à reanálise da trajetória de Flo, a chimpanzé fêmea mais bem conhecida do mundo, pelo olhar de Jane Goodall. Flo destacou-se pelo enorme sucesso reprodutivo: ficou claro que um elemento importante deste sucesso estava relacionado à posição social galgada por ela e às garantias associadas que promoveriam para seus filhos condições de uma verdadeira dinastia. Tendências ambiciosas de uma fêmea passam a ser vistas como parte integrante do sucesso maternal: constata-se correlação significativa entre a hierarquia feminina e a capacidade da mãe de manter seus filhotes vivos. Neste ponto chama a

atenção o fenômeno aposto que se verifica na mulher contemporânea: talvez seja a primeira vez que para uma fêmea primata haja incompatibilidade entre busca de recursos e cuidados maternos.

Voltando aos animais, todos estes estudos acrescentaram enorme complexidade à compreensão das características da maternidade, tanto em termos filogenéticos quanto em termos ontogenéticos. Convidaram também a uma análise mais aprofundada do papel da mãe no desenvolvimento dos filhos.

Na base da compreensão dos resultados do desenvolvimento, os fenótipos, está a idéia de que estes são produzidos por interações entre genes e outras influências ambientais com muito destaque para as influências parentais; muitos aspectos fenotípicos são na verdade negociáveis, dependendo de toda a sorte de variáveis. Mais uma vez, estudos comparativos são reveladores de novas complexidades. Ao estudar o segredo do êxito dos insetos eusociais, formigas, abelhas e vespas, que representam um terço da biomassa animal da Amazônia, por exemplo, Hrdy destacou a mais dedicada e eficiente creche de toda a biosfera. Não é a fecundidade da rainha inseto que é tão especial; mas sim, a taxa de sucesso na conversão de ovos em milhões de adultos sobreviventes. Assuntos como criação cooperativa de prole por fêmeas irmãs estéreis, supressão de ovulação destas fêmeas por ação de hormônios da rainha e manipulação materna das proporções entre os sexos levaram a novas dimensões na compreensão do desenvolvimento.

Por sua vez, para espécies como os primatas, a mãe é o meio ambiente por natureza, sem nenhum paradoxo na afirmação. Fornece nos primeiros anos informações críticas para a criança; tais experiências podem ter efeito duradouro sobre suas perspectivas mentais e emocionais. Pode-se dizer que as crianças nascem “prontas para aprender”, verdadeiras esponjas de assimilação ativa do mundo social e afetivamente referido à sua volta.

Ainda outra informação heurística vem do comportamento animal: em espécies que adotam procriação cooperativa, as mães são especialmente sensíveis à presença ou ausência de indivíduos capazes de ajudar. Em várias espécies de roedores, à chegada de um macho estranho potencialmente infanticida, fêmeas grávidas reagem reabsorvendo seus embriões. Abortos espontâneos tendem a ocorrer em primatas, em situações semelhantes. Em muitos exemplos, em circunstâncias desfavoráveis, como na ausência de companheiro, ou na falta de alomães, ajudantes, ou na vigência de posição pouco propícia na hierarquia do grupo, mães abandonam sua prole logo após o nascimento, como se fosse melhor

suspender o investimento mais cedo, do que mais tarde.

Gravidez e parto mudam uma mulher para sempre: alteram o cérebro, com novos percursos neurais; acentuam certas capacidades sensoriais como o olfato e a audição. Compartilhamos com os demais seres vivos, muitos aspectos de nossa neuroquímica e de nossas emoções. De modo envolvente, Hrdy revela como cada detalhe dos nossos corpos tem sua história e como muitos deles se revestem de conseqüências. Para os primatas, diurnos por natureza, a frequência de mamadas do bebê durante a noite serve de indicador para o corpo da mãe de quanto leite ele está consumindo, regulando quanto tempo a mãe deve aguardar de novo para ovular. Mulheres que se vêm inesperadamente grávidas durante a amamentação, talvez não se tenham dado conta deste efeito, em busca de uma noite reparadora de sono. O que importa é que, no conjunto, estes legados muito antigos merecem ser reconhecidos e compreendidos. Entretanto, ao mesmo tempo em que, segundo a autora, somos relíquias do passado somos também espécimes alterados pelos novos modos de vida. Houve, por exemplo, forte pressão seletiva favorecendo bebês mais pesados ao nascer, para mães que migraram recentemente para altitudes mais elevadas na Cordilheira do Himalaia. Epidemias e doenças também exercem forte pressão: é admissível esperar que qualquer resistência genética à AIDS esteja desproporcionalmente representada nas populações africanas.

As mães primatas sempre combinaram vidas produtivas com reprodução. Além disso, *status* e maternidade sempre tinham sido convergentes, como no exemplo de Flo. O que há de novo para a mulher moderna é a compartimentação, que torna estas tarefas incompatíveis: a mãe caçadora coletora vai à coleta com seu filho no colo. Também *status* e maternidade estão hoje desacoplados: mulheres que herdaram fortunas têm significativamente mais filhos do que mulheres que adquiriram fortuna por seus próprios esforços, conforme estudo citado da sociobióloga Susan Essock-Vitale. As mulheres estão divididas entre dois impulsos antigos, prementes e agora incompatíveis, e estão criando novas soluções de compromisso. Mas nossa capacidade inovadora tem limites. Em condições favoráveis, mães humanas apaixonam-se progressivamente por seus bebês, e também por bebês adotados; o apego do bebê à mãe, que também tende a ocorrer se as condições interacionais forem propícias, reforça ainda mais o envolvimento recíproco. Porém, há um tremendo custo quando estes laços não se formam ou são quebrados: como Hrdy coloca, abaixo de um certo

nível de nutrimento afetivo o resultado do desenvolvimento é desastroso.

Com o estilo pungente que a caracteriza, Hrdy ensina que as mães mamíferas eram alquimistas, capazes de transformar o alimento disponível em biológico ouro branco: uma mistura de nutrientes altamente digeríveis e antibióticos, que alimentam e protegem os imaturos durante os perigosos e arriscados dias depois do nascimento. Quando os dinossauros se extinguíram, os usuários da *via Láctea* consolidaram seu caminho. Lineu destacou a importância da lactação ao identificar uma classe inteira de animais – “*Mammalia*” – pelas bizarras glândulas secretoras. A mensagem urgente “Dê-me de mamar” é universal. É vantajoso para as mães mamíferas armazenarem previamente gordura, na época adequada, em regiões secundárias, como as nádegas, que não prejudicam a mobilidade.

No caso do desenvolvimento feminino, quando há suficiente gordura no organismo, algumas destas células começam a secretar um hormônio, a leptina, que deflagra modificações endócrinas que culminam na menarca.

Toda a orquestração bioquímica revelada embala raciocínios instigadores, quanto à origem e desenvolvimento da lactação. A prolactina, que não foi batizada com este nome ao acaso, antecede os mamíferos e é mais versátil do que se pode imaginar. Entretanto, fica claro que é aumentada toda vez que mães, pais ou alomães ou alopais estejam envolvidos em cuidados de prole. Por sua vez, colostro e leite são apresentados como o equivalente celular de uma farmácia. A proteção imunológica é considerada um dos mais importantes efeitos maternos. Ao lamber seus filhotes, mães mamíferas se expõem aos mesmos agentes patogênicos de seus bebês e fabricam os anticorpos certos. Na amamentação, a proximidade não é menos importante: parece ter causado a evolução de agentes químicos, novinhos em folha, com a tarefa sem precedentes de promover intimidade, a oxitocina, uma espécie de narcótico natural. Além de sua função oficial, provocando contrações da musculatura no parto e na amamentação, está envolvida em respostas prazerosas subjetivas de estar junto, em contato físico, como na amamentação, no namoro e na sexualidade.

Em espécies nas quais relações afiliativas entre os sexos traduzem aumento da sobrevivência infantil existem muito mais receptores para a oxitocina. Três novidades acompanharam a lactação: a ligação específica a um dos sexos; o fato de se tornar um fator a mais intensificando a competição entre os machos pelas fêmeas; e a prolongada intimidade entre mães e bebês.

A análise dos primórdios da inteligência social, com base na contribuição relativa de pais e mães e no conceito de “estampagem genética” levanta questões surpreendentes, na interface de genes, neurociências e comportamento, cuja pesquisa está apenas se iniciando.

Todas as fêmeas primatas acham os bebês fascinantes, e com isso expõem-se e aprendem a ser mães, mas também discriminam seus próprios filhotes. Jovens alomães têm tudo a ganhar com a experiência de ajuda; são situações ganhar e ganhar, para todos os envolvidos.

Em 48h, a mãe distingue o choro de seu próprio filho do de outros bebês; cheiros também são importantes. Muito desta aprendizagem é subliminar; em caso de troca comprovada de bebês, mães têm dificuldade em devolver o bebê que levaram para casa. Seja como for, em várias culturas, fortes sentimentos de apego ao bebê só se manifestam nos dias e semanas que se seguem ao nascimento. Por que a melancolia pós parto é tão comum? Uma das respostas apresentadas é artefato da chamada agressividade lactacional, aumento de agressão defensiva da prole, associada a níveis altos de prolactina e queda vertiginosa de estrogênio e progesterona.

Diferenças minúsculas podem contribuir para decisões maternas muito significativas. O envolvimento materno surge pouco a pouco e é cronicamente sensível a sinais externos.

O investimento materno começa na concepção, prossegue durante a gestação e a lactação. Ao contrário do que acontece com a maioria dos mamíferos, para nós o desmame é apenas o começo, pois os cuidados se estendem para além da infância e da adolescência.

A mãe primata não discrimina seus filhos, desde que sejam capazes de se agarrar inicialmente a elas, o único teste de viabilidade a que são submetidos. Aprende a reconhecê-los e a amá-los. Daí por diante, cuidará dele, mesmo que fique muito fraco, sendo capaz de carregar por vários dias um corpo inerte. Segundo Hrdy, esta obstinada fidelidade a uma causa perdida talvez se justifique, pois filhotes comatosos às vezes surpreendem, recuperando-se depois de vários dias. Mães primatas só abandonam seus filhos em caso muito extremo, por exemplo, na tentativa de afastá-los de machos infanticidas.

Diante da análise de provas de que nem todas as mulheres apresentam um compromisso incondicional em relação a seus bebês, que seria típico de primatas, Hrdy encaminha a questão para uma análise evolutiva e histórica.

Contrastes com os demais primatas são constatados. Além de ter maturação sexual

relativamente mais tardia, as primatas têm uma “subfertilidade” adolescente. Uma chimpanzé pode chegar à menarca aos oito anos, mas pode copular cerca de 3.600 vezes em ciclos consecutivos, antes de conceber pela primeira vez aos 14 anos. Nesse meio tempo, usa suas tumefações sexuais como passaporte diplomático por territórios hostis, explorando recursos e decidindo onde se instalar.

A menarca tardia e a subfertilidade adolescente, garantidas no modo de vida caçador coletor também protegem a mulher de uma iniciativa reprodutiva precoce de risco. Nestes povos, a primeira concepção ocorre por volta dos 20 anos.

Entretanto, meninas contemporâneas mais bem alimentadas passam a conceber bem mais cedo. Hrdy parafraseia alguns psiquiatras que se referem à maturação reprodutiva precoce como “ligar o motor de um carro, sem contar com um motorista hábil”. Embora outros componentes genéticos também influenciem a idade da menarca, a quantidade de gordura presente no corpo de nossas jovens tornou-se um sinal enganoso: indica que é uma boa época para reprodução, quando a época é tudo menos isso.

Fêmeas primatas reagem a estresse social, baixo status da mãe ou recursos imprevisíveis, protelando a puberdade. Paradoxalmente, meninas crescendo em lares com pai ausente, chegam mais cedo à menarca, o que ainda é um quebra-cabeças.

O fato é que mães muito jovens estão desproporcionalmente representadas entre mães negligentes, desertoras ou até mesmo infanticidas. Curiosamente, jovens primatas dos monos verdes africanos, superalimentadas, geraram filhos mais cedo e revelaram-se mães incomumente negligentes.

Contar com o apoio de parentes no primeiro parto, época especialmente vulnerável, parece ser importante para os demais primatas e para nós mesmos.

O intervalo entre nascimentos é fator essencial. Pesquisas minuciosas têm revelado um sistema incrivelmente complicado de laços de realimentação interligados e ambientalmente sensíveis, envolvendo o hipotálamo, a hipófise e os ovários. O sistema leva em conta a amamentação em andamento, ou seja, quanto leite o bebê está consumindo. Amamentação constante mantém altos os níveis de prolactina e tende a impedir a ovulação. Contudo, este fator depende também do estado nutricional da mãe e de sua carga de trabalho. Para uma mãe sedentária, quantidade maior de amamentação seria necessária para surtir tal efeito. Entre os caçadores coletores, como os !Kung, todos estes fatores trabalhavam no sentido de garantir quatro anos de espaçamento entre os nascimentos. É comentada a divisão de trabalho, que levava a mulher à coleta e o homem à caça e a singela revolução

cultural representada pelos suportes de couro, sacolas, que permitiam à mulher carregar os bebês e provisionamentos vegetais para partilha eficiente no bando. Tudo compatibilizado: espaçamento de nascimentos, sexualidade e obtenção de recursos significativos. Fortes mudanças ocorreram de 10 mil anos para cá, com a introdução da agricultura. Mais sedentarismo, mais oferta de alimento, maior taxa de natalidade, exacerbando dilemas criados por nascimentos sucessivos.

Como obter a ajuda dos homens para criar filhos pequenos? Parece que os instintos de cuidar dormem nos corações dos machos primatas, incluindo o homem. Como despertá-los? Mais do que isso: por que são exigidas condições especiais para este despertar? Devem estar envolvidas, como Hrdy aponta com propriedade, diferenças emocionais entre machos e fêmeas, à parte da ideologia. Pequenas diferenças iniciais gerais e de sensibilidade podem ser exageradas pelas experiências de vida e depois ampliadas por costumes e normas. Mães, por exemplo, têm limiar mais baixo para reagir a sinais infantis; exceto para pedidos fortes de socorro, que produzem efeitos equivalentes na mãe e no pai.

Entre os extremos de um pai dedicado e um macho fujão existe uma vasta zona intermediária, ocupada por pais ocasionais ou heróis temporários, que atuam em situação de ameaça externa, que podem significar a vida ou a morte. Alguns machos babuínos realmente têm em mente o bem-estar do bebê: reagem a vocalizações de macho imigrante se estas forem dirigidas a uma fêmea consorte que estiver com bebê, não em outros casos. Pressões seletivas para ficar com fêmeas na gestação e na lactação têm como vantagem a proteção dos filhos de infanticidas e devem ter sido precursoras da monogamia. Companheiros fortes e parentes ou padrinhos são a garantia destas mães.

Quanto à garantia da paternidade, o macho fica numa situação difícil: apenas a relação passada com a fêmea pode guiá-lo. O que leva fêmeas primatas à flexibilidade sexual e à solicitação de acasalamento com outros machos? Vários motivos são debatidos: assegurar concepção; aumentar chances de genes superiores; diminuir consangüinidade ou reduzir infanticídio. Seja o que for, traz conseqüências para os machos, que induzem à competição entre eles por corpulência ou pelo desenvolvimento de grandes testículos para a competição de esperma.

Fêmeas primatas variam entre ser sexualmente receptivas por apenas algumas horas no período fértil ou estar aptas para copular durante extensos períodos do ciclo. As mulheres situam-se no limite máximo de receptividade flexível, embora experimentem aumento da libido na ovulação: aumenta a auto-confiança, a fantasia erótica, a sexualidade, o orgasmo e até

mesmo o desempenho em testes, pois aumenta sensibilidade a sinais.

Ficou demonstrada a importância de componentes olfativos no ciclo feminino. A exposição a feromônios da axila de outra mulher que esteja prestes a ovular pode induzir a uma ovulação precoce.

É rediscutida a função do orgasmo, como aumento de fertilidade ou da ligação do par, mas a autora lança dúvidas sobre a questão chegando a aventar vestigialidade.

Divertida é a reanálise dos resultados de um experimento em que 75% dos sujeitos homens concordaram em “ir para a cama” com o “suposto” experimentador (a?) ao passo que nenhuma das estudantes consentiu. Mesmo se fosse controlado o período do ciclo feminino, no encontro do Sr. Sempre-Pronto com a Sra Intermitentemente Fértil, seria de se esperar que as mulheres dissessem não, mas sem implicações de recato ou ausência de interesse. Apenas com implicações de proteção. Por outro lado, encontros potencializados pela ovulação podem levar as mulheres a escolhas enganosas, como é discutido no tópico “por que mulheres inteligentes fazem escolhas insensatas”.

Mães humanas necessitam como nunca de investimento masculino. Nas diferentes sociedades, os cuidados são mais intensos quando homens monogamicamente casados têm grande certeza da paternidade; confiança a longo prazo dá satisfação emocional e cooperação facilitadora. Neste ponto a autora confessa explicitamente sua preferência/crença na vantagem deste arranjo, permitindo ao leitor uma análise crítica.

Para que a monogamia beneficie a mãe, seu parceiro deve ser protetor ou ser provedor confiável. Provedores imprevisíveis colocam a mãe diante de um dilema, como Hrdy diz: ela deve confiar num homem para muito ou em muitos para alguma coisa? Poderia ocorrer uma poligenia defensiva feminina.

Em países industrializados pode haver desvantagens em famílias sem pai, advindas de privações econômicas e outras. Nas sociedades caçadoras coletoras, crianças sem pai também têm menos chances de sobreviver. Porém há complexidade suficiente no fenômeno que impede generalizações fáceis.

Hrdy reconhece que o bebê está bem longe de ser uma *tabula rasa* e que identificar a mãe é seu primeiro e decisivo passo. Retoma a questão “de onde vem a necessidade de apegar-se?”, reexaminando angústia de separação, diferentes estilos de apego e medo de estranhos. Acredita que o infanticídio possa ter sido uma ameaça crônica durante a evolução hominídea, o que forneceria uma razão para justificar tal medo, que mobilizaria suas figuras de apego adultas em sua

defesa. Também por pressão seletiva, nossos bebês teriam se tornado adoráveis e irresistíveis, numa seleção desenfreada por traços infantis facilitadora do vínculo.

Mesmo em circunstâncias muito desfavoráveis e em sociedades em que o infanticídio do recém-nascido, pela própria mãe, seria esperado por excessiva proximidade entre os nascimentos ou outro motivo, às vezes a mãe falha no seu intento, por conta de se ver enredada pelos encantos do filho.

É muito interessante acompanhar o desenrolar final da obra, em torno da questão da teoria do apego *versus* a servidão da mulher. Confesso que fiquei suspensa por um fio, temendo um desfecho menos feliz, mas não. O essencial da obra de John Bowlby foi, a meu ver, recuperado: os bebês buscam ligações seguras e necessitam de uma base sólida para o desenvolvimento emocional saudável. Entre primatas, vigilância compartilhada sempre deu bons resultados. Talvez sistemas alternativos de cuidados às crianças tenham predominado mais do que se supôs correntemente, utilizando-se o modelo de caçadores coletores como os !Kung, de contato praticamente constante da mãe com o bebê. O grande problema das mães contemporâneas é como conseguir alomães adequadas. Cômico é o anúncio que descreve a alomãe moderna:

PROCURA-SE: Alguém que entregue sua vida aos caprichos e necessidades de um indivíduo menor, mais fraco, freqüentemente prepotente, para trabalhar por um período de anos. Salário baixo. Pouco prestígio. Nenhuma seguridade ou obrigações mútuas a longo prazo; tênues perspectivas de que qualquer relacionamento seja mantido no decorrer do tempo. AVISO: Se o bebê chegar a amar você mais, a mãe pode ficar ciumenta e dar o relacionamento por terminado mais cedo”.

Formas de assistência diurna, como creches e escolinhas, são cada vez mais freqüentes. Parece muito acertada a opinião da autora de que, ironicamente, a teoria de apego seja hoje o modelo teórico mais útil de que dispomos para melhorar a assistência infantil, gerando a mensagem: “Você é querido e não será posto de lado”. Ainda assim, no capítulo “Caminhos alternativos de desenvolvimento”, temos uma sucessão muito interessante de inesperados cursos ou exceções, de predisposições a diferenças individuais, lembretes necessários da complexidade ainda não totalmente compreendida.

Finalmente, parece conveniente esclarecer algo que pode não estar completamente explicitado na maioria dos raciocínios apresentados. Todas as razões funcionais apresentadas para a compreensão da evolução do comportamento maternal, paternal e filial, em termos das conseqüências adaptativas que

teriam forjado a seleção das respectivas características ao longo da filogênese, não devem ser entendidas como estando presentes nos fatores causais que determinam nossos comportamentos. A vinculação afetiva pode ser considerada a estratégia evolucionária básica da constituição familiar. Porém, não houve uma decisão racional do tipo “apeguemo-nos para sobreviver”. Aconteceu o contrário, na medida em que casais, mais vinculados entre si e aos seus filhos por diversos motivos, foram mais bem sucedidos: sua descendência e seus motivos foram selecionados. O fato é que nos vinculamos ou não, nos apaixonamos ou não, em função de vários fatores dos quais muitas vezes não temos a menor consciência. As explicações que damos para estas variações, muitas vezes, são *a posteriori* e pouco mais do que racionalizações. Esclarecer as razões funcionais e evolutivas em associação com as razões de desenvolvimento e de causação, sem confundir níveis e através de uma investigação sistemática, é a nossa única chance de dar razão à razão.

O contexto social e econômico tem tudo a ver com a determinação do comportamento materno e paterno. Contudo, entender a base biológica das vinculações afetivas pode ser essencial para esclarecer o que está acontecendo em cada caso. A meu ver, as enormes variações possíveis no desenvolvimento não nos contam que o instinto do amor materno seja um mito. Mito é o conceito de instinto que costumamos ter.

Referências

- Bowlby, J. (1984, a) *Apego*. São Paulo: Martins Fontes, tradução de Álvaro Cabral.
- Bowlby, J. (1984, b) *Separação*. São Paulo: Martins Fontes, tradução de Álvaro Cabral.

Recebido: 03/05/2002
Aceito: 25/05/2002

Sobre a autora da resenha

Vera Silvia Raad Bussab: Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo.